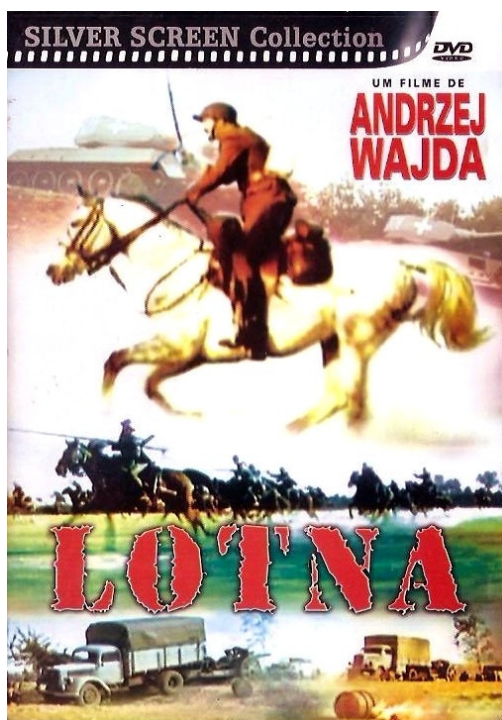


LOTNA



Durante a invasão alemã à Polônia em 1939, uma unidade de cavalaria polonesa encontra por acaso um belo cavalo árabe, a égua Lotna (“Volátil” em português). Seu proprietário decide entregá-la ao Exército e ela passa a ser então objeto de cobiça e ciúmes enquanto os poloneses tentam escapar do cerco alemão.

Baseado muito superficialmente no livro homônimo de Wojciech Zukrowski (de 1945), “Lotna” é um drama cheio de simbolismos. É um filme que busca evocar, talvez pela última vez, a poesia tipicamente polonesa do cavalo e do sabre, enquanto a égua Lotna seria um símbolo de liberdade e orgulho de uma nação.

No todo, porém, o filme é bem ruinzinho em diversos aspectos. A edição é péssima. O roteiro é patético, com o desenvolvimento da estória variando entre um clima de festa e despreocupação e um de terror ante a chegada dos alemães, que todo mundo sabia que ia acontecer desde o início. No geral, o tom dessa obra beira o surreal e até mesmo o satírico.

O cadete Grabowski (Moes), em particular, parece totalmente alheio ao fato de que a situação de todos era desesperadora, chegando ao cúmulo do absurdo de se casar no mesmo dia em que encontrou a noiva e – como se não bastasse – no mesmo dia do funeral de seu comandante. As cenas de batalha são quase risíveis, com a agravante de mostrar um cavalariano polonês batendo com o sabre no canhão de um tanque “alemão” (um T-34 russo com chapas fixadas na torre e no chassi para parecer mais “quadrado”), o que incitou a ira de historiadores que lutam para acabar com esse mito da cavalaria polonesa atacando tanques. As atuações variam entre razoáveis e horrorosas, a trilha sonora é medonha e, de fato, a única coisa que se salva, além da cena da carga de cavalaria, é a belíssima e inspirada fotografia. Enfim, este filme não é nada além de uma tentativa malfadada do diretor de homenagear a longa e gloriosa história da cavalaria polonesa, ao mesmo tempo em que retrata o fim de uma era.

FICHA TÉCNICA:

Título Original: “Lotna”.

Elenco: Jerzy Pichelski, Adam Pawlikowski, Jerzy Moes e Bozena Kurowska.

Diretor: Andrzej Wajda.

Ano: 1959.

Premiação:

Classificação do SOMNIUM:



CURIOSIDADES:

- Este filme é criticado – com razão – por muitos historiadores por fortalecer o mito da cavalaria polonesa atacando tanques alemães. Na verdade, a cavalaria polonesa nunca fez carga contra tanques, muito menos fez uso de sabres contra eles. A principal tática da cavalaria era lutar a pé, e as cargas ocorriam apenas contra a infantaria e posições de artilharia. Em apenas uma ocasião, em Krojanty, um grupo de cavalaria polonês foi surpreendido por uma incursão de blindados alemães, mas não tentou atacá-los, recuando com perdas moderadas. Uma formação de cavalaria típica polonesa era equipada com metralhadoras, canhões de 75 mm, canhões antitanques Bofors de 37 mm, canhões antiaéreos Bofors de 40 mm e também fuzis antitanques wz.35 – e nada disso aparece no filme. Cada cavalariano também tinha um sabre ou uma lança, mas essas armas geralmente ficavam com os cavalos durante os combates.

- Durante uma visita dos bispos poloneses ao Vaticano, o Papa Francisco fez referência à cena em que um padre cavalga Lotna, encorajando os bispos poloneses a avançarem como o padre do filme e darem testemunho de sua fé na sociedade. Ao saber que o Papa havia feito referência a seu filme, Andrzej Wajda respondeu que valeu a pena viver tanto tempo.

- O diretor Andrzej Wajda era filho de um oficial da cavalaria polonesa que foi assassinado no massacre de Katyn.

- Ao saber das críticas que seu filme havia recebido quanto à cena da cavalaria atacando tanques, o próprio Wajda afirmou: "Que melhor maneira de expressar a partida do mundo da cavalaria ligeira e a chegada, cada vez mais próxima, do mundo da tecnologia, do que a carga que eu mostrei na tela?"

FUROS:

- Na cena em que Ewa (Kurowska) entra no celeiro para matar Lotna, é visto que ela fecha a porta do celeiro e ainda coloca uma tora de madeira para bloqueá-la. Na tomada seguinte, mal ela pega a arma, já Wodnicki (Pawlikowski) salta sobre ela e a desarma. Além de não dar nem um gostinho de suspense na cena, fica a pergunta: por onde ele entrou?

- Quando o cavalo quebra a pata, ele fica placidamente deitado sem emitir qualquer som, quando é óbvio que ele estaria relinchando desesperadamente de dor.

- Depois que o mesmo cavalo é morto, na tomada seguinte ele continua se mexendo – e bastante!